



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

?Fazendo tudo certo?: narrativas de parto no Rio de Janeiro

Autoria: Claudia Barcellos Rezende (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Neste work, analiso a tensão entre ?seguir? o corpo no parto e buscar fazer ?tudo certo? em dois conjuntos de narrativas: em relatos de um site de internet sobre parto e nas histórias de mulheres de camadas médias com idades entre 35 e 45 anos que entrevistei do Rio de Janeiro e que tiveram partos vaginais. Todos os relatos tratam de partos humanizados, cujo ideário reforça, entre outros aspectos, uma visão de um corpo ?naturalmente? apto a parir. Comparo estas histórias na medida em que vejo os relatos de parto do site, assim como outras apresentações de si na internet, podendo se tornar ideais de comportamento para seus leitores, como apontam Paula Sibília e Fernanda Bruno em seus estudos sobre subjetividade e internet. Os relatos virtuais destacam um corpo mais autônomo, que segue um ritmo próprio no work de parto, revelando assim a ?magia da natureza?. Nas narrativas que eu escutei, é a pessoa corporificada que aparece, com sensações e receios que giram em torno do controle de si e de fazer o que é esperado. Examinando então, nos dois conjuntos de histórias, o que seriam as capacidades ?naturais? do corpo no parto e seu estatuto ontológico ? são afetadas pelas emoções, pelas relações com outras pessoas, em especial a equipe médica? Podem ser estimuladas ou ao contrário, travadas? Argumento que a percepção de um corpo ?naturalmente? capaz de parir é tensionada, especialmente entre as mulheres que entrevistei, pela ideia de que há um ?modo certo? de parir, que necessita de preparo físico e emocional e condições específicas no momento do parto. Tratam-se por fim de corporalidades narradas, cujas ênfases se articulam a discursos mais amplos sobre maternidade e subjetividade nos segmentos médios da sociedade brasileira.



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

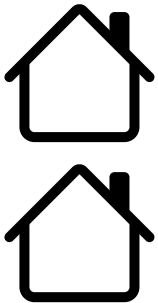
[Trabalho completo](#)



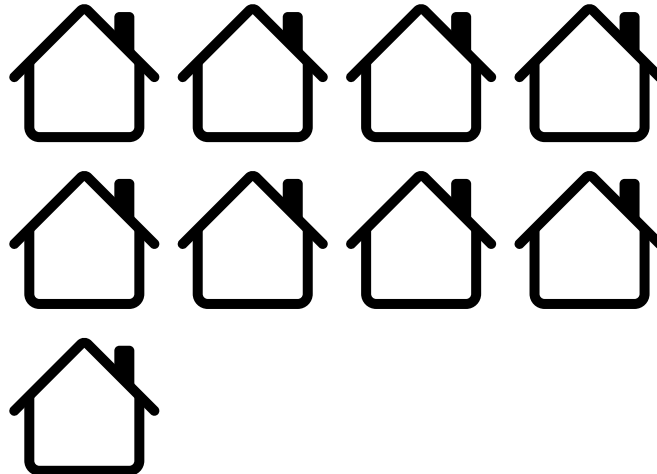
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: